

ESTUDOS CRÍTICOS

POR UMA METAFÍSICA DA UTOPIZAÇÃO E DA KAIRIFICAÇÃO

Jean-Marc GABAUDE

(Université de Toulouse – Le-Mirail)

Estudiosos de ética, preocupados com **axio-Kairificação**, consideramos a filosofia não como glosa brilhante, mas, acima de tudo, como um **apelo ético-político**, como uma contribuição à promoção de valores universalizáveis e à construção social do futuro. Nossa abordagem filosófica de hoje retoma o esboço inconcluso de nosso livro **O Jovem Marx e o materialismo antigo** (Toulouse, Privat, 1970; em francês)*. Nosso discurso situa-se **hiperbolicamente** no modo alternativo ou no modo imperativo.

Na qualidade de criador — isto é, de criador do futuro — todo homem deve acreditar racionalmente num ideal, esforçando-se por analisar lucidamente a realidade concreta. A coragem, dizia Jean Jaurès no seu "Discurso à juventude" é exatamente "caminhar em direção ao ideal e compreender o real".

1. CRIAÇÃO DO FUTURO

Vivemos uma nova época de ruptura da história, na qual, através do mundo, a emergência de forças novas abala o equilíbrio, aguça contradições, acelera mutações. Diante da fusão de ruídos e da complexificação das questões, não há nenhum **modelo pré-estabelecido** que se mantenha. Esta extenuação dos modelos e esta fulguração futurista constituem, a um tempo, uma **oportunidade** inaudita e uma experiência **trágica**. Estamos condenados a fazer a experiência do **luto** quanto às fixações e miragens passadas (por exemplo, o luto do racionalismo estrito, não integrador). Este luto é também aquilo que é preciso viver, para estar em condições de ser e pensar de modo diverso. Tem como horizonte ou o

(*) Resenhado em *Reflexão*, nº 30 (N. T.)

destinalismo nihilista ou a constituição de uma neo-transcendência; ora, o futuro requer uma **transcendência de hominização**, uma **transcendência na imanência**. Contudo, o curso das coisas angustia, em virtude das possibilidades inéditas que se abrem ao desenvolvimento humano. O futuro das civilizações pode bascular, em direção ao melhor ou ao pior. Então, como podem os filósofos pensar a criação do futuro e dirigir uma **advertência para a humanidade**, que é um modo de contribuir para a criação do futuro? Não é dever da filosofia manifestar-se, antes de mais nada, como **filosofia da paz, da utopização, da Kairificação e da criação do futuro?**

2. PRIORIDADE DO FUTURO

Desde Hegel, muitos filósofos sublinharam a prioridade prometeica do futuro, primeiro na ordem da existência, como condição que permite a um objeto de conhecimento se constituir¹.

O futuro não surgiria da unidade entre ser e pensamento, como dizia August von Cieszkowski? Distinguiu-se, freqüentemente, desde o século XIX, três épocas da filosofia. A primeira, marcada pela teologia ou pelo ser; a segunda pela metafísica ou pelo pensamento; no que tange a terceira, esta seria caracterizada pelos valores, segundo G. Bastide, enquanto outros enfatizaram a positividade científica ou a transformação social e outros, ainda, mais próximos de nós, sublinharam a existência e depois a linguagem ou, ainda, a problemática do fato social. Não poderíamos retomar a idéia de Cieszkowski que previa, desde 1838, nos seus **Prolegômenos à Historiosofia**, que a terceira época seria caracterizada pela **praxis**, isto é, pela criação do futuro? Corre-se muito o risco de cair num **voluntarismo**, se este se une à consideração da situação objetiva, na unidade dialética dos dois contrários que são a incitação para o futuro e o exame da realidade objetiva do passado e do presente. Neste sentido, diríamos que o idealismo se aproxima do materialismo.

O que predomina é que esta escolha se imporá com uma crescente urgência:

ou **eticização*** da criação do futuro

ou uma **descriação***, reverso de um "progresso" não controlado.

Diante da ameaça de uma aniquilação da humanidade o filósofo tem o dever de chamá-la para uma criação ético-política e para uma esperança. Reconhecer o primado do futuro é, pois, um dever do homem;

(*) O autor cria palavras novas: **eticização** por "ação de moralizar"; **descriação (mécration)**, por "o inverso da criação, a destruição" (N. T.), conforme indicou em carta pessoal.

é o imperativo categórico histórico de amanhã, o primado da prática, da ética, da axiologia, da política, do humanismo, da **hominização**.

Com esta concepção voluntarista do tempo e este primado da razão prática, inscrevemo-nos na trilha de Fichte. O comentário fichteano de Alexis Philonenko parece impor-se aos homens de hoje, criadores do futuro: "Na filosofia teórica o tempo pode parecer imposto, no sentido de que o futuro impõe-se à consciência através dos próprios atos que põem o passado e o presente. Se o primado da razão prática deve ter um sentido, se o tempo não deve ser um destino, é preciso que o esforço não seja estranho à constituição do tempo e que longe de engendrar-se a partir do passado e do presente, o tempo, **do ponto de vista prático**, engendre-se a partir do futuro".² O projeto, ao mesmo tempo originário e histórico, de criação de si mesmo e da humanidade no futuro ou, dito de outro modo, o projeto de criação do futuro é a dimensão-chave da temporalidade.

Na sua análise Kantiana da síntese pura como reconhecimento pura, Heidegger estima que a essência mais original do tempo, intimamente associada à realidade do próprio sujeito, é "que se temporalize primeiro pelo futuro"³. Acrescentamos: não sem retificar as perspectivas heideggerianas, que é na criação do futuro que a consciência temporalizante e o sujeito gnoseológico, crítico e moral se enraizam, e que é a criação do futuro que ordena o passado no movimento díspar da temporalização, a qual procede, não do futuro, mas da criação do futuro.

3. FUTURO DA UTOPIZAÇÃO, UTOPIZAÇÃO* DO FUTURO

Estamos encurralados na escolha entre o discurso utópico do **alhures**, tido por irrealista, e o discurso excessivamente realista, incapaz de mobilizar-nos?

Contudo, o pensamento utópico está longe de ser a-histórico, porque subsume** as aspirações de seu tempo, propondo-as e projetando-o, transfigurado; põe em perspectiva o contexto histórico. As ciências históricas e a reflexão filosófica sobre a história podem fazer uma crítica de utopia que respeite as esperanças e a Esperança, como em Ernst Bloch? A utopia não será um pensamento da sociedade como totalidade em vir-a-ser, de anti-totalitarismo e de **hominização**? Esta **utopização** racional, crítica e auto-crítica, poderia impulsionar uma criação de futuro?

(*) Neologismo criado pelo autor significando o "que marca a ação de fazer utopias" (N. T., a partir de carta pessoal do autor)

(**) Neologismo que equivale, segundo o autor, "ao alemão *aufheben*" e poderia ser traduzido por "**superar**" (N. T., a partir de carta pessoal do autor).

Postulamos a **utopização** como hipérbole humanista criadora. A **utopização**, como fé racional e irreduzível esperança no futuro da humanidade, não será **idéia-força** e valor ético? A moral não é utópica, no seu imperativo? A axiologia não é utópica no seu distanciamento da realidade e na sua posição de uma realidade assintótica: E a força do movimento utópico que avança temporalmente no futuro não se impõe como valor?

Certamente, não nos ateríamos a uma utopia que sendo apenas poética, se situasse além das possibilidades reais. Não dizemos, por exemplo, que o mundo chegará a uma total transparência nas relações sociais e intersubjetivas, a uma ausência de contradições, à harmonia entre os interesses individuais e instituições. Uma utopia de compensação/consolação não cria o futuro; antes, é preparação ideológica da sua não realização: ao impossível ninguém se atém!

Mas a **utopização**, impulso de **negação** e de **antecipação**, é um fermento que trabalha certas ideologias e mentalidades, desrealizando *** o futuro imediato injusto, a fim de reorientá-lo. Força inventiva sempre renovada, é conduzida ao limiar do futuro pelas contradições da realidade. A **utopização** é o excedente que supera a expressão de uma época e que tenta forçar [o advento] do futuro, para transformar o mundo e os homens.

4. FUTURO DA HISTÓRIA, HISTÓRIA DO FUTURO

Alguns se perguntam se o conceito de **história** ainda tem sentido hoje. Podemos inteligir o vir-a-ser histórico? O mundo hoje é um caos, no qual o indivíduo só pode se perder ou apresenta um sentido tal que o indivíduo nele pode inscrever sua ação e seu projeto de modo construtivo? Podemos compreender as sociedades que nos são estranhas? Há princípios universais de inteligibilidade? O projeto de uma história com pretensão totalizadora é parcial? Podemos ter esperança no futuro sem recorrermos a uma visão escatológica ou messiânica da história? A história é o lugar das construções contrariadas de uma liberdade e o lugar de uma luta para a criação do futuro? Mas explorar o futuro histórico não pode ocorrer sem nos engajarmos nisso e sem co-criá-lo. Isto implica uma recuperação criadora e crítica do **tradicionalismo**, mitos conformistas e estruturas deformantes⁴, recuperação **sub specie futuri**.

5. FUTURO DO FILOSOFAR, FILOSOFAR DO FUTURO

Por intermédio da questão da criação do futuro, pode-se escapar, de um lado, de uma concepção purista da filosofia como disciplina

(***) *Irréaliser*, "significa o inverso de realizar", desrealizar (N. da T.)

fechada em si mesma, nutrindo-se de seu passado e de suas formulações; de outro, pode-se escapar de uma concepção lúdica, que considera a filosofia como uma arte verbal? Certamente, a filosofia às vezes é isto, mas não apenas isto. A questão da criação do futuro convida-nos a sair destes dois usos compulsivos do filosofar. O filosofar poderia ser busca do sentido, se se impedisse de pensar e de preparar o futuro e, em consequência, de contribuir para transformar a realidade presente, a fim de inscrever, aí, as premissas do que está por vir.

6. FUTURO DA ÉTICA, ÉTICA DO FUTURO

Velhas razões de viver perderam sua intensidade, enquanto novas razões que contribuirão para criar o futuro se esboçam. Colocar o problema da criação do futuro é começar a resolvê-lo, ficando claro que nenhum problema filosófico é inteiramente solucionável. Diante do influxo crescente da tecnociência, a ética da criação do futuro deve permanecer originalmente racional. O engajamento para e pelo futuro não poderia situar-se além de qualquer razão, nem ter a boa vontade como único princípio. Não deve a conduta definir-se como tomada de posição e tentativa de ajustamento, tanto à exigência de valores quanto à complexidade de uma realidade em desenvolvimento, cujas contradições e movimento são apreendidos em vista de sua compreensão? A que valor-chave referimo-nos, senão àquele que o humanismo de criação do futuro indica?

A filosofia primeira não deverá tornar-se a **ético-axiologia** que atenta à criação do futuro, considerada como criação da **hominização**?

7. FUTURO DA HOMINIZAÇÃO, HOMINIZAÇÃO DO FUTURO

Como melhorar cada vez mais o **hominizar**, uma vez que isto é criar o futuro? Repetimos o enfoque clássico: constituir bem e devidamente o homem; mas trata-se, ao mesmo tempo tanto do indivíduo em *vir-a-ser* quanto da sua subjetividade social, da humanidade e do mundo. Como remontar da representação que o sujeito desejante faz de si mesmo à que o constitui como sujeito, principalmente sujeito do futuro? Como torná-lo responsável pela criação do futuro? Se o futuro origina-se no desejo, como fazer coincidir, tender, o desejo individual e o **conatus** da essência humana?

A dimensão sócio-política da existência humana constituirá o nível mais elevado da condição humana, que deveria esboçar o progresso? A potencialidade de cada um estaria em vias de ser multiplicada — e não anulada — pelo do maior número e tenderia a crescer, a partir da de to-

dos? Existiriam cada vez mais, bens que crescem através da partilha e cada vez menos, bens que diminuem pela partilha? Por outro lado, o trabalho produz, cada vez mais rapidamente, meios novos que engendram novas necessidades o que — não sem a colocação de graves problemas — abre ao homem social um horizonte indefinido e poderia permitir o desenvolvimento de uma subjetividade nova (com um desenvolvimento do imaginário e da criatividade, um alargamento da racionalidade, uma acentuação da normatividade ética, um retorno a si mais sereno através da mediação cultural e a mediação de uma relação com o outro, menos egocêntrica).

O futuro da **hominização** é uma criação que não pode negligenciar finalidades éticas, sendo claro que um fim não poderia ser reduzido a uma conseqüência de ação, mas representa um objeto racional do querer axiológico. A **hominização** não deve ser unidimensional e deve corresponder a um florescimento **multilateral** do homem, permitindo melhor relação com outro/Outro e um progresso da responsabilidade.

8. A EMERGÊNCIA E A UTOPIZAÇÃO COMO KAIRIFICAÇÃO

Criação contínua e autonomização, a emergência se exalta como criação humana e social do futuro. O vivo produz vivo, o social produz o social, o pensamento produz o pensamento, tudo a partir de um contexto. No movimento de superação e, aparentemente, de **causa sui**, chegamos a um estágio de história humana na qual emerge uma **mutação** da tecnociência e da civilização, donde uma subsequente necessidade universal de **hominização**. A criação do futuro é visada como uma **transcendência em movimento** para ir cada vez mais longe; sem certezas, aliás. Cada um de nossos atos criadores contribui para afirmar esta transcendência. A transcendência é a possibilidade humana, isto é, indefinida e social, de emergência. E tal é o **utopismo**, o sentido recuperável do idealismo.

9. COMPLEXIFICAÇÃO DO KAIRÓS

Uma ontologia do **ser-mais** e da emergência materialista pode suscitar uma ético-axiologia da **Kairificação**. O **Kairós**, conceito do pensamento antigo, ao qual E. Moutsopoulos conferiu todo seu alcance^{*5} designa um momento crucial, investido de passado e prometendo futuro, momento ideal, mas sempre original e único, de equilíbrio meta-estável, que um **quase-nada** acaba de determinar como determinante. Momento

(*) Ver o estudo desse conceito em E. Moutsopoulos publicado na Revista **Reflexão** — nº39, sob o título **Kairós** (N. T.)

único por excelência e irreversível, momento antes do qual nada está consumado e após o qual o evento fixa-se como passado, o **Kairós**, como E. Moutsopoulos sublinha, convida a agarrar a oportunidade passageira que abre o futuro. Conjunção de ser-mais, conhecer e querer, o **Kairós** é momento criador no vir-a-ser sempre recomeçado, umbral crucial, ponto nodal e crítico, ponto de exclamação e de interrogação. A um tempo realidade mundana e estrutura subjetiva da consciência, o **Kairós**, segundo E. Moutsopoulos, é sempre reorientável pela prática e pela subjetividade. Relativo ao homem, o **Kairós** assume uma reestruturação intencional da realidade grávida de **futurição**. Constitui uma incitação, a um tempo afetiva e racional, a escolher uma orientação e a assumir nosso futuro. Lugar sócio-histórico e subjetivo do querer individual, o **Kairós** é o nó do encontro entre nossa futuração próxima e o futuro da nossa sociedade e da humanidade. É abertura e atenção intensa.

Embora seja unidade de sentido, o **Kairós** indica a ruptura humana do tempo e uma multiplicidade de temporalizações. É criação intencional da consciência, preocupada com o real e inquieta com sua maturação e com a ação sobre o mundo vindouro. A atitude **Kairica**, na sua proximidade com o futuro, medeia o presente e o fluxo do futuro, a consciência e a realidade que se escoia. O que o momento **Kairico** visa e propõe é a união dos três aspectos da **futuridade**; futuro conseqüente, determinado, linearidade do anterior/posterior; multidão ramificada de feixes de futurições aleatórias; criação livre do futuro **hominizante**.

Em suma, dinâmica e axiológica, a realidade **Kairica** não designa apenas uma dimensão modal, nem uma pura temporalidade.

10. A KAIRIFICAÇÃO COMO UTOPIZAÇÃO

O esplêndido **Kairós**, que testemunha o caráter **multidimensionalizável** e esplendoroso de temporalização, antecipa, num relâmpago subjetivo, o futuro criável, a sociedade utópica. Valor e criação intencional da consciência na perspectiva da futurição, o **Kairós** pode assim, ser projetado no futuro, teleologicamente. É assunção da unidade provisória que resulta de contradições. Diante do futuro, a intencionalidade **Kairificadora** é proposta do idealismo. O futuro é tanto ideal quanto real. **Kairós**, futuro e querer são indissociáveis. O **Kairós** é projeção para o futuro. Heidegger nota que **Kairós** é o modo da resolução ao nível da temporalidade originária⁶.

Ponto nodal em que as circunstâncias e a vontade entram em conjugação para abrir o futuro, o **Kairós** pode também transformar-se em desencontro histórico ou do indivíduo. No aleatório do momento **Kairico** decisivo, pode-se ver como que um respondente do acaso das projeções utópicas.

A oportunidade frustrada participa, ainda que incoativamente, do fracasso global ou da **contra-utopia**. Um momento seguinte, superior, estaria em condições de "perdoá-la" ou de transmutar seu valor, atribuindo ao fracasso um conteúdo positivo? São suspeitos o tema religioso da **felix culpa** e sua tradução filosófica (por exemplo, em Leibniz ou Hegel). Tudo isto põe o problema do fundamento do **Kairós** e do **anti-Kairós**. A dialética **Kairica** diz respeito a um otimismo racionalista e totalizador da história e/ou — tanto mais que a própria razão pode ser contraditória — à dialética **desordem/ordem**? Implica ou recupera componentes e margens transacionais (especialmente as afetivas, estéticas, religiosas), que não são inferidos de uma análise racional do presente, tal como a **idéia-força da esperança**, posta em primeiro plano por Ernst Bloch e por Jürgen Moltmann? Perante a esperança **Kairificante**, a tecnociência corre o risco de eliminar **Kairós** e temporalidade humana, caso não seja investida de humanidade e socialização.

Ora, consideremos o **Kairós** como um fragmento de realização da utopia ou uma ressonância da **utopização**; como um momento que, nesse sentido, valoriza o passado, torna **presente** um passado. A função utópica, a **utopização**, é o desejo, que impulsiona o fazer advir na história um **Kairós** de duração e espaço polirítmicos dilatados; é a tomada de consciência do **ainda-não-ser** como intimação transformadora. Todo **Kairós** manifesta, assim, um sentido humano, que se refere à criação do futuro, à **hominização**.

NOTAS

- (1) Cf. Louis Lavelle, **Do tempo e da eternidade**, Paris, Aubier Montaigne, 1945, pp. 258-269.
- (2) Alexis Philonenko, **A liberdade humana na filosofia de Fichte**, Paris, Vrin, 1966, p. 337.
- (3) Martin Heidegger, **Kant e o problema da metafísica**, Paris, Gallimard, 1953, p. 242.
- (4) Cf. E. Moutsopoulos, **Conformisme et déformation: mythes conformistes et structures déformantes**, Paris, Vrin, 1978.
- (5) Cf. o artigo de J. M. Gabaude: "Dinamismo estruturalista/Consciencialista de Evangelhos Moutsopoulos". *Philosophie*, IX, 1983, pp. 77-96.
- (6) Heidegger, **Os problemas fundamentais da fenomenologia**, Paris, Gallimard, 1985, p. 340.

Tradução de Constança Marcondes Cesar